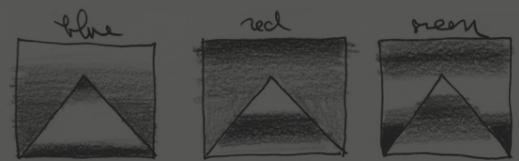
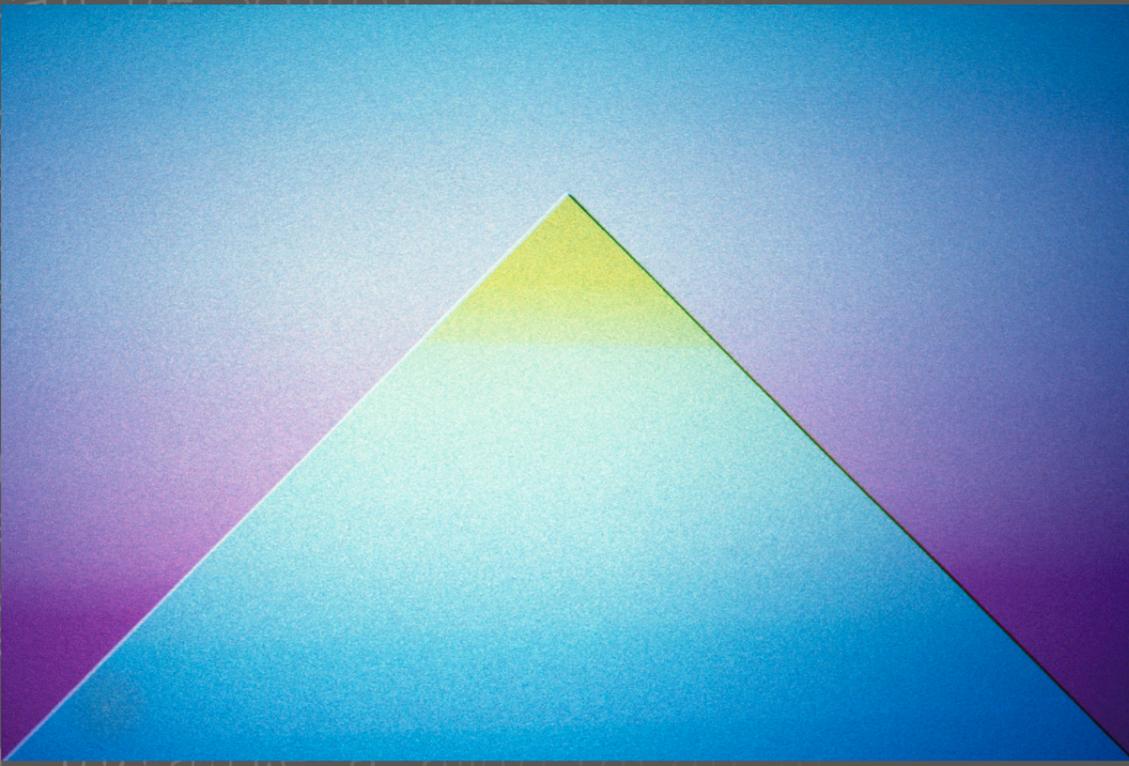


# slides de cavalete



## Laboratório de experimentação abril 2018

Curadoria

Joana Silva

Maria João Melo

Eurico de Melo

com a colaboração de

Ana Luís e Artur Neves

23-27 abril, Sala Estúdio e  
Auditório, Biblioteca da FCT  
NOVA, Campus de Caparica

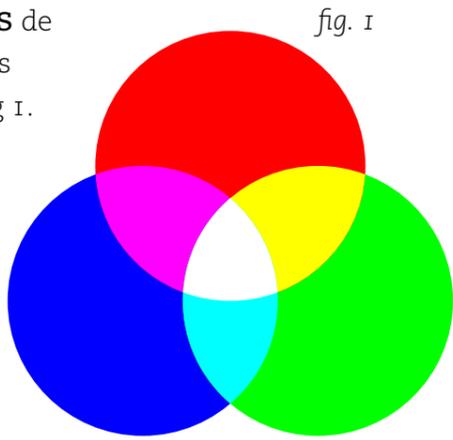
**N**a interacção luz-matéria há 3 peças essenciais: a fonte de luz, o objecto e o receptor.

A **fonte de luz** poderá ser o sol ou a lâmpada de um projector de slides; o receptor serão os nossos **olhos**. O sinal é processado pelo **cérebro**, e daí a cor ser dependente da nossa matriz cultural.

Apenas apresentam **cor visível** as partículas de luz (fotões) de energia entre 400-700 nm; nesse intervalo espectral, conseguimos distinguir as cores: violeta, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho. Graças ao **arco-íris**, aprendemos desde cedo que aquilo que vemos como luz branca é de facto a adição de todas as cores da luz visível.

É comum classificar a cor como **aditiva** ou **subtractiva**; resultando da adição de fotões (efeito aditivo) ou da sua subtracção selectiva em relação à fonte luminosa (efeito subtractivo). **A cor** com origem no fenómeno subtractivo é ubíqua no mundo vegetal, e é-nos familiar pois desde crianças misturamos cores.

A adição de luz é utilizada em **ecrãs** de televisão, computadores e telemóveis para compor as cores que vemos, Fig 1. Ainda que presente no nosso dia a dia, é-nos muito mais difícil prever o que acontece quando misturamos fotões de luz.



# slides de cavalete

Foi assim que Ângelo de Sousa criou estas pinturas imaginadas e inexistentes (excepto nos próprios slides, projectados), misturando **fotões!**

Deixou-nos **instruções** detalhadas sobre como produziu estas belas pinturas imaginadas, Figs. 2 e 5.

ANGELO DE SOUSA  
RUA DA BENEDITINA, 155  
TELEFONE 683866  
4100 PORTO - PORTUGAL

Descrição de um trabalho realizado em 1978-79 (e já exposto, embora em condições algo precárias).

Material utilizado:  
1-filme colorido inversível (diapositivos) próprio para luz artificial (4200 K);  
2-projector de slides, com lâmpada de quartzo, portanto com uma "temperatura de cor" aproximadamente equivalente, como fonte de luz;  
3-un écran, pequeno (aproximadamente A4) de vidro incolor, despolido, iluminado, por detrás, pelo projector;  
4-três filtros de cor primária--verde, vermelho e azul--ou, pelo menos, de cor tão primária quanto me foi possível conseguir;  
5-uma máquina fotográfica, 24 X 36 mm, em tripé, com exposições escalonadas (depois de muitos ensaios prévios) até uma duração, máxima de 1/2 segundos;  
6-máscaras opacas--duas, em geral--instaladas, alternadamente, sobre o écran de vidro despolido.

Foram necessários inúmeros ensaios, preparatórios à realização do trabalho, até adquirir um controle razoável dos principais problemas postos--filtragem para correcção de cor, determinação das características das películas utilizadas (todas da mesma série de fabrico) quanto a distorções, sensibilidade, tempos de exposição adequados, etc.

A realização do trabalho constou de seis exposições, sucessivas, para cada slide, três exposições para cada uma das duas áreas da máscara, através dos três filtros primários. Em cada uma das exposições, --verde, vermelha ou azul--fiz variações de tempo de exposição até um máximo de 1/2 segundos, recorrendo a outras máscaras menores (como se usa fazer durante a ampliação de fotografias).

Exemplificando--uma zona exposta a 1/2 segundos de verde mais 1/2 de vermelho mais 1/2 de azul resultaria branca no diapositivo. Uma outra exposta a 1/2 segundos de verde mais 1/2 de vermelho e zero segundos de azul resultaria amarela, etc.

Como resultado, obtive algumas centenas de diapositivos cujas cores eram geradas pela exposição sucessiva, com maior ou menor duração, a cada uma das três primárias, ao que posso julgar com um muito razoável controle e ausência de resultados inesperados.

Pensei, na ocasião, que com o recurso a outros meios--electrónicos, computador--poderia ter obtido resultados, não só mais rapidamente, mas, também, com outras ambições no que respeita a tratamento de pormenores.

Juntos, numa cartolina, três diapositivos (embora não sejam de primeira escolha) como exemplo.

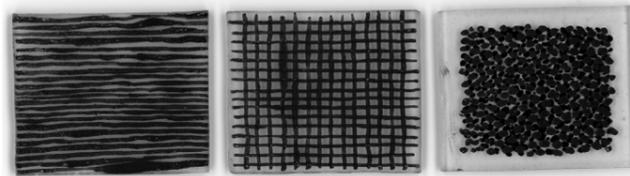
*Ângelo de Sousa  
julho 88*

fig. 2

Ângelo deixou-nos ainda muitos dos materiais que utilizou no fazer destes **slides**, incluindo os filtros de cor e de atenuação, Fig. 4 (que atenuam a passagem da luz). Como resultado da sua experimentação intensiva, deixou-nos 100 slides que foram expostos por duas vezes no seu tempo de vida, e ainda várias dezenas que seleccionou, mas nunca expôs.



fig. 4



Foi ainda muito rigoroso nas instruções para a exibição da obra. A lista do material a utilizar inclui, nas palavras do artista: "um **projector** de slides, automático, com carregador circular (para 100 ou 80 slides); um **cavalete**, dos do tipo de atelier, quanto mais século XIX melhor, e se tivesse manivela, então, seria o ideal; uma **tela branca**, como as usadas para pintar quadros; formato rectangular (120x90 cm); pode ser ainda maior mas dentro dessas proporções; uma colecção de **slides**, no formato 24 x 35 mm (o mais usual), todos projectados "à largura".

Para melhor sentir a beleza desta obra, participe no **workshop** "Como se faz um slide de cavalete", junte-se a nós na descoberta do génio de Ângelo, pintando na **luz** com a luz!

fig. 5

